

Lino Castellani Filho e o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE): uma relação orgânica e tensa

RESUMO

Texto trata a relação de Lino Castellani Filho com o CBCE. Tem como metodologia a revisão de literatura combinando produção teórica com entrevistas, o que nos possibilitou caminhar por meio de três formas: a de militante-intelectual, a de sócio e a de crítico. Procuramos expor no texto as relações que Lino Castellani Filho estabeleceu com o CBCE, que inicia com uma militância em maturação que vai sendo nutrida por elementos intelectuais, passa para uma atividade institucionalizada coerente com elementos críticos gestados quando estava numa posição de contra-hegemonia por dentro do CBCE e, que o leva, posteriormente, com certo distanciamento, a estabelecer análises críticas sobre a história do CBCE, com o qual é organicamente ligado. Com base neste último aspecto, criticar o CBCE pode se tornar uma espécie de autocrítica. Consideramos não ser possível compreender os mais de 40 anos da entidade sem considerar a relação com Lino Castellani Filho.

PALAVRAS-CHAVE: Lino Castellani Filho; CBCE; Militância acadêmica

Luciano Galvão Damasceno

Doutor em Educação
(Universidade Estadual de Campinas)
Prefeitura do Município de São Paulo,
Secretaria Municipal de Educação
São Paulo, SP, Brasil
Universidade Municipal de São Caetano do
Sul, Escola da Saúde
São Caetano do Sul, SP, Brasil
lucianogd@icloud.com
<https://orcid.org/0000-0003-0466-8887>

Lino Castellani Filho and the Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE): an organic and tense relationship

ABSTRACT

Text deals with Lino Castellani Filho's relationship with the CBCE. Its methodology is literature review combining theoretical production with interviews, which allowed us to walk through three forms: that of militant-intellectual, that of partner and that of critic. We seek to expose in the text the relationships that Lino Castellani Filho established with the CBCE, which begins with a maturing militancy that is nourished by intellectual elements, moving on to an institutionalized activity coherent with critical elements created when he was in a position of counter-hegemony within the CBCE and, which later leads him, with a certain distance, to establish critical analyzes of the history of the CBCE, with which it is organically linked. Based on this last aspect, criticizing the CBCE can become a kind of self-criticism. We believe it is not possible to understand the entity's more than 40 years without considering the relationship with Lino Castellani Filho.

KEYWORDS: Lino Castellani Filho; CBCE; Academic activism

Lino Castellani Filho y el Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE): una relación orgánica y tensa

RESUMEN

El texto trata sobre la relación de Lino Castellani Filho con el CBCE. Su metodología es la revisión de literatura combinando producción teórica con entrevistas, lo que permitió caminar por tres formas: la de militante-intelectual, la de socio y la de crítico. Buscamos exponer en el texto las relaciones que Lino Castellani Filho estableció con el CBCE, que comienza con una militancia madura que se nutre de elementos intelectuales, pasando a una actividad institucionalizada coherente con elementos críticos creados cuando estaba en una posición de contrahegemonía. dentro del CBCE y, que luego lo lleva, con cierta distancia, a establecer análisis críticos de la historia del CBCE, al que está orgánicamente vinculado. Partiendo de este último aspecto, criticar al CBCE puede convertirse en una especie de autocrítica. Creemos que no es posible entender los más de 40 años de la entidad sin considerar la relación con Lino Castellani Filho.

PALABRAS-CLAVE: Lino Castellani Filho; CBCE; Activismo académico

INTRODUÇÃO

Ao nos debruçarmos em parte da vida de um dos intelectuais mais importantes da história da Educação Física (EF) brasileira e lidarmos com o conjunto mais importante e mais conhecido de sua produção teórica, nos vai firmando uma convicção, qual seja: a intervenção de Castellani Filho na EF brasileira se dá *pari passu* a busca pela construção de uma sociedade democrática, e ao ter o socialismo em seu horizonte ético aprendeu com a tradição marxista e com a sua história, que a radicalização da democracia é um pressuposto¹. Por isso parece-me que a busca pela democratização da EF brasileira – tendo a educação no processo de formação humana como pressuposto – tem sido sua companheira por todos esses anos de luta.

Em poucas palavras: Castellani Filho manteve ao longo do tempo um nexos lógico e orgânico entre produção intelectual e publicística com sua atividade ideológico-política militante. Se observarmos “por cima”, e resguardadas todas as devidas ponderações acerca dos contextos sociais e acadêmicos e das questões sociais e teóricas que os motivaram, há nexos entre o texto “A (des) caracterização profissional-filosófica da educação física” e o livro “Educação física brasileira: a história que não se conta”, o de vislumbrar o conhecimento do passado para poder pensar os caminhos da transformação do presente². Do mesmo modo, podemos ver um nexos entre as preocupações com a política esportiva e de lazer já no texto de 1985, “O esporte e a Nova República”, com suas produções posteriores tais como, “Lazer e qualidade de vida”, as relacionadas ao Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) – “Gestão municipal e política de lazer” e “O Projeto Social Esporte e Lazer Da Cidade: Da elaboração conceitual à sua implementação” – e a sobre os megaeventos esportivos – “Megaeventos esportivos no Brasil: de expressão da política esportiva brasileira para a da concepção neodesenvolvimentista de planejamento urbano”.

Castellani Filho, desse modo, buscou conhecer de forma adequada a EF que se havia forjado para poder nela intervir, o que o remeteu, de forma espiralada, a pensar suas expressões vertidas em ordenamentos legais e a sua prática social. E nesse desenvolvimento se aproximou teórica e praticamente das diferentes políticas educacionais, esportivas e de lazer, contribuiu na organização da cultura em diferentes âmbitos da sociedade civil – no CBCE com sistematicidade – e participou de diferentes formas – direta e indiretamente – em governos localizados no espectro da esquerda brasileira.

¹ É possível acessar esta discussão, com diferentes nuances, em: Lukács (2008), Coutinho (1994) e Netto (1990).

² A tese de doutorado de Castellani Filho, no que diz respeito à análise da legislação, mantém de alguma forma, o tomus do seu clássico livro de 1988.

Tendo esta compreensão em tela, a hipótese que trabalhamos é não ser possível compreender o peso intelectual, ideológico e político de Castellani Filho nos movimentos de renovação da (EF) brasileira sem estabelecer nexos relacionais com o CBCE. Dessa maneira, passamos – neste texto – ao primeiro passo, percorrer a constituição da relação de Castellani Filho com o CBCE, com o objetivo geral de descrevê-la buscando demonstrar que tal relação se intensifica na medida em que a EF vai se desenvolvendo academicamente, bem como, incorporando os processos de redemocratização da sociedade brasileira. Por meio de objetivos específicos – que apresentaremos adiante como as três formas de inter-relação: a de militante-intelectual; institucional; e de crítico – buscamos apontar os avanços e limites num processo de retroalimentação na constituição militante, intelectual e acadêmica de Castellani Filho e no desenvolvimento político, científico e acadêmico do CBCE.

Em termos metodológicos, realizamos uma revisão bibliográfica (SEVERINO, 2000; GAMBOA, 2013) combinando a produção teórica com as entrevistas dadas por Castellani Filho. No caso das entrevistas estamos as tratando como fontes orais (ALBERTI, 2008), no entanto, lançamos mão de entrevistas realizadas com Castellani Filho³ para fins diferentes dos nossos. Isto é, não realizamos uma entrevista específica, e sim, garimpamos elementos das já realizadas e publicadas. Para tanto lemos as entrevistas e utilizamos as passagens em que o CBCE e a EF brasileira são tratados, conforme a necessidade de confirmar ou confrontar os argumentos de Castellani Filho com outros intelectuais relevantes para o CBCE e para a EF brasileira e, em alguns momentos, com o próprio Castellani Filho. Ao procedermos de tal forma nos deu condições de estabelecer uma via em que se possa compreender a relação de Castellani Filho com o CBCE pela inter-relação de três formas (e seus conteúdos):

a) a de militante-intelectual que envolve a pesquisa e a sua difusão com ênfase num dever ser identificado com a redemocratização do Brasil, em geral, e com a transformação progressista da EF, em específico;

b) a institucional que envolve sua atividade como sócio do CBCE, seja na direção da entidade (assessor de secretarias estaduais, vice-presidente, diretor, etc.), na coordenação e comitê científico dos Grupos de Trabalhos Temáticos (GTT); na condição de organizador e intelectual da EF compondo mesas de conferência/palestra do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE); ou na condição de participante do CONBRACE em suas diferentes possibilidades;

c) a de crítico que envolve suas posições intelectuais, ideológicas e políticas sobre o CBCE.

³ Nos orientamos pela advertência de Konder (2009, p. 68) sobre a questão da recordação: “o ato de recordação (...) jamais é puramente objetivo; por sua própria natureza, não pode ser um ato frio. A palavra recordar – que vem de *cor* (coração) – já indica a forte presença do sentimento na ação”.

Elas (as formas e relações) não podem ser vistas como hierárquicas e lineares. Parece-me que andam juntas e num ou noutro momento uma se eleva em relação às outras. As tomaremos como ângulo de observação e exposição da história de Castellani Filho com o CBCE.

OS PRIMEIROS CONTATOS

Castellani Filho se forma em EF na Universidade de São Paulo (USP) no ano de 1974, após uma inacabada formação em Direito na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) entre os anos de 1970-1972. Após dois anos, em 1976, vai a convite trabalhar no Maranhão (MA) e lá permanece, entre a Escola Técnica Federal e a Universidade Federal, até 1986. É importante ressaltar esse período porque é nele que Castellani Filho terá seu primeiro contato com o CBCE e que já esboçara as três formas e relações que notamos acima. Importante, do mesmo modo, é não olvidar o contexto sociopolítico, pois foi em seu amago e seu ânimo⁴ que se deu o contato inicial.

O ânimo não era etéreo, metafísico ou místico, era bem real e concreto. Devia-se ao esgotamento da ditadura civil-militar, do seu modelo econômico e da sua sustentação política, que gerou possibilidades para a organização da classe trabalhadora – a classe empresarial se organizou, também – em sua variada composição e a luta por participação política, criando novos espaços para a redemocratização (LOPEZ e MOTA, 2008).

É importante observar que o período de transição entre a ditadura civil-militar e a redemocratização é muito complexo, em que ao mesmo tempo que se geravam possibilidades se criavam formas de as cercá-las de cuidado e controle. Um exemplo é o relato de Castellani Filho sobre o ocorrido na organização do CONBRACE – Região Norte/Nordeste em 1980, em São Luís (MA). Conta-nos Castellani Filho que tiveram que mudar o título da mesa de “Desporto e pobreza” para “Desporto em regiões em desenvolvimento”, pois o evento estava sendo taxado por funcionários da Secretaria de Educação Física e Desportos (SEED) do Ministério da Educação e Cultura (SEED/MEC) de “comunista”. Para corroborar, o secretário de Desportos e Lazer ao ser informado sobre o teor do congresso se recusa a participar da mesa de encerramento e dificulta a entrega dos certificados aos congressistas. (CASTELLANI FILHO, 2001).

⁴ “Ao longo da crise da ditadura, desde 1974, em escala cada vez mais intensa e geral, amplos setores da população, na cidade e no campo, juntam-se à luta da classe operária e do campesinato, pela democracia, por uma revolução de baixo para cima; nos bairros, fábricas, sindicatos, partidos; nas escolas, nas ruas, campos, construções. Em muitos lugares, operários, trabalhadores rurais, empregados, funcionários, estudantes, intelectuais, todos, cada um a seu modo, todos em conjunto, tecem a revolução que destruirá a ditadura do capital” (IANNI, 1981, p. 227).

A perspectiva da redemocratização e da renovação da EF se imbricava em Castellani Filho. A primeira notadamente marcada pelo contexto sociopolítico e a segunda pela formação parcial em Direito, pelo contato com as Humanidades⁵ e Ciências Sociais e pela aproximação da produção teórica dos portugueses⁶, notadamente, de Manuel Sérgio^{7 8} (CASTELLANI FILHO, 2013b). Castellani Filho e Laércio (Elias Pereira) pensaram na possibilidade de convidar Manuel Sérgio, por suas condições de representantes do CBCE no estado do Maranhão, condição alcançada após o congresso de 1980, e por Manuel Sérgio representar uma possibilidade de contraponto à tônica biologicista do *Brazilian College*⁹.

No que diz respeito especificamente ao CBCE, é possível afirmar que o imbricamento (redemocratização e renovação) supramencionado não era uma marca individual de Castellani Filho, e sim, um condicionamento sociopolítico de seu tempo, o que não elide a sua particularidade. Não só Castellani Filho menciona a criação de um grupo descontente com os rumos do CBCE e da sua perspectiva de conhecimento, baseado em tendências biomédicas, mas, também, Valter Bracht

⁵ Castellani Filho considera que Paulo Freire teve um peso considerável na sua maneira de ver a educação (CASTELLANI FILHO, 2013a).

⁶ Castellani Filho em texto publicado originalmente em 2007, em homenagem a Manuel Sérgio (*Motrisofia: homenagem a Manuel Sérgio*), e republicado em (2013), arrola uma série de autores portugueses que tiveram influência na sua formação humana (CASTELLANI FILHO, 2013b, p. 105-106).

⁷ Castellani Filho assim se refere aos primeiros contatos com as obras de Manuel Sérgio, bem como, aos motivos de tê-lo trazido ao Brasil com o apoio de outros professores: “Nós fomos responsáveis (...) pela vinda do Manuel Sérgio ao Brasil pela primeira vez, em 83. Havíamos tido contato com ele através dos seus livros, chegamos ao endereço dele, começamos a nos corresponder com ele, nos anos de 81, 82. Nós não tínhamos, no Brasil, nenhum trabalho até então. A censura impedia a divulgação de obras que de alguma forma questionasse determinadas práticas consolidadas, e não existia assim, um espaço, para que obras de cunho teórico-filosófico tivessem espaço na Educação Física brasileira. (...) Então, o Manuel Sérgio, o que ele tinha produzido na época? Manuel Sérgio tinha ‘*Desporto e Democracia*’, ‘*Desporto como Prática Filosófica*’, ‘*A Prática e a Educação Física*’, esses três livros construídos com um referencial marxista. (...) O Manuel Sérgio era membro do Partido Comunista Português, tinha se colocado ao lado de outros portugueses contra a ditadura de Salazar, participou da Revolução dos Cravos em 75 (sic!), na perspectiva comunista. (...) Foi como se nós tivéssemos encontrado aquilo que gostaríamos ter escrito, de ter podido refletir e nunca tivermos oportunidade. Na nossa graduação, nos curso (sic!) de especialização que tínhamos feito e nos congressos que a gente já começava a frequentar, não havia espaço para esse debate. Quando a gente começava a colocar esse debate, éramos discriminados, marginalizados, tachados ou de comunista, e isso era palavrão, ou de pessoas que estavam falando *agarrados*, estavam fugindo do tema central que era a Educação Física” (LOUREIRO, 1996, p. 214-215). Itálicos do original. Noutro momento Castellani Filho volta ao tema: “Pois foi um gesto de arrojo do já então *garimpeiro da informação*, Laércio, de escrever ao Manuel Sérgio, mais ao final da segunda metade dos anos de 1970, que me colocou em contato com o autor português. Por intermédio de Manuel Sérgio e de duas distribuidoras brasileiras de livros, a Ebradil e a Século XXI, passei a saciar minha ânsia por estudos sobre a educação física e o esporte baseados nos referenciais epistêmicos próprios às ciências humanas e sociais, às artes e à filosofia” (CASTELLANI FILHO, 2013b, p. 105). Itálicos do original.

⁸ O professor Manuel Sérgio Vieira e Cunha, acadêmico, dirigente desportista e deputado português, faleceu no dia 19/fevereiro/2025, aos 91 anos de idade.

⁹ É razoável considerar que a formação inicial do CBCE se espelha no *American College of Sports Medicine (ACSM)*, pois sua estrutura organizacional se assemelha. Castellani Filho em entrevista concedida a Damasceno (2011) traz elementos interessantes: “O CBCE foi estatutariamente constituído tendo como referência o modelo norte-americano dos - *Colleges* (até 1985/6, o papel timbrado do CBCE trazia o - *Brazilian College Of Sports Sciences*). Nele constava a figura do presidente-eleito, vale dizer, aquele que assumiria a presidência do Colégio lá na frente, dois anos depois... Acontece que a diretoria que o acompanharia em sua gestão seria eleita no momento de sua posse, junto com o próximo presidente-eleito...” (p. 316). Soma-se ao supramencionado o texto de Cláudio Gil Soares de Araújo de 2019, na condição de ex-presidente, traz elementos sobre a fundação do CBCE e o ACSM.

(ALMEIDA e GOMES, 2014), Celi Taffarel (2015) e Laércio Elias Pereira (2016), este enfatizando mais a questão estrutural da entidade.

Vejamos o que diz Castellani Filho em entrevista concedida a Loureiro, ao ser indagado sobre a influência do pensador português no seu livro “História da educação física no Brasil” e que cabe, do mesmo modo, para pensar nas suas relações com o CBCE: “identificávamos naqueles primeiros trabalhos do Manuel Sérgio muito daquilo que a gente precisava ter de pano de fundo para nossas reivindicações, para as nossas reflexões, para os nossos posicionamentos” (LOUREIRO, 1996, p. 198).

No entanto, somente após o III CONBRACE (1983) que teremos o início da compatibilidade entre crítica teórica e atividade prático-política, posto que a produção teórica da EF fundada nas Ciências Sociais e Humanidades era incipiente (DAMASCENO, 2013). Com rigor tínhamos em Castellani Filho e nos demais professores de EF que contribuíram para uma transformação progressista do CBCE, mais militância e menos intelectualidade – no sentido de formulação teórica. É com o passar do tempo que haverá um movimento de corporificação teórica e intervenção qualificada. Não é casual que no mesmo ano (1983) temos umas das primeiras publicações na RBCE de jaez sócio-crítico¹⁰ que se deve a Castellani Filho, cujo título é “A (des) caracterização profissional-filosófica da educação física”, bem como, dois livros atualmente considerados clássicos, a saber, “O que é educação física” de Vitor Marinho de Oliveira e “A educação física cuida do corpo... e mente” de João Paulo Subirá Medina.

É perceptível, no caso de Castellani Filho, um avanço de seu desenvolvimento intelectual *pari passu* a sua militância ideológico-política dentro e fora do CBCE, uma vez que as ideias defendidas nesse tempo – de luta pela redemocratização em todos os âmbitos – não se restringia ao campo acadêmico. Temos, já neste momento, dos primeiros contatos de Castellani Filho com o CBCE, indícios do que chamamos de três formas: a) há um deslocamento para atividade intelectual como substrato para atividade militante – ele participa de três eventos em 1983, sem contar o CONBRACE, publica o texto supracitado; b) há a criação de um vínculo institucional com CBCE, tanto como representante estadual e, posteriormente, como assessor/coordenador das representações estaduais – na época já tínhamos nomes que hoje são muito conhecidos, tais como: Amarílio Ferreira Neto

¹⁰ Entendo como sócio-críticas publicações que centraram sua atenção em discussões que transpunham os aspectos biológicos em que as diferentes áreas – Medicina e EF – se orientavam, tais como as questões políticas, ideológicas, educacionais, históricas, entre outras, numa perspectiva crítica. Os próprios editores da RBCE, em 1983, no vol. 4 n. 2, publicam um “comunicado dos editores da RBCE”, que chama atenção para o fato: “Gostaríamos de ressaltar que até hoje muitos trabalhos publicados foram da área biológica, não por culpa dos editores, mas porque foram os trabalhos enviados para a Revista e que obedeceram as normas da mesma” (p. 66). Antes do texto de Castellani Filho, temos o texto de Caram (1983), com o título, “Considerações sobre o desenvolvimento da Educação Física no Ensino Superior”, que já vê a EF como uma prática cultural.

(Sergipe), Valter Bracht (Paraná) e Celi Taffarel (Pernambuco) (CASTELLANI FILHO, 2007a) e; c) está do lado daqueles que questionavam/criticavam a forma como o CBCE se estruturava, tal como lembrou Bracht (ALMEIDA e GOMES, 2014).

TRANSFORMAR POR DENTRO: faces da atividade institucional

Castellani Filho, em retrospectiva, afirmou que não se contentava em ser uma pessoa que não interferisse no andamento da vida em sociedade, pelo contrário, dedicava suas forças para ser protagonista.¹¹ Assim, a nosso ver, se deu toda a sua relação institucional e crítica com o CBCE. Contudo, Castellani Filho sempre deixou claro que opera com o conceito da dialética hegeliana, qual seja a de que toda superação conserva algo do superado, pois não se dá no vazio: elimina, conserva e eleva a novos patamares qualitativos. Assim, há que conhecer o que se pretende transformar e, mais, é preciso entender o que se construiu e o seu tempo. Desde seus primeiros contatos com o CBCE, há um fio (vermelho) invisível entre a dedicação protagônica e a superação do que julgava preciso ser transformado.

Uma das formas possíveis de notarmos a busca do protagonismo e da transformação, ambas com o duplo intento de contribuir para a renovação da EF e a contínua democratização da sociedade brasileira, é perseguir sua relação institucional, intelectual com o CBCE, bem como, sua relação como crítico.

Como tratamos no item anterior, Castellani Filho desde o ano de 1980, quando estabelece seu primeiro contato com o CBCE, já o faz em meio à organização de um evento e em meio às críticas. Não foi um contato como congressista, e sim, como um dos organizadores do evento, numa região que ainda hoje sofre com a escassez de *campi* universitários e de programas de Pós-Graduação (PG) em EF. Sem mencionar o momento econômico-político de transição de regime político com intensa participação social e com extensa dificuldade econômica.

Castellani Filho, após 1983 e o III CONBRACE, ao interiorizar-se no CBCE, levará consigo os elementos que vivenciava na efervescência emergida na EF – os vários eventos os encontros estudantis, os seminários, as formações de professores, etc. –, bem como, os elementos ideológicos e políticos caros aos processos de constituição de uma nova República. É possível observarmos em textos e entrevistas (ALMEIDA e GOMES, 2014; CASTELLANI FILHO, 2007a e 2012; LOUREIRO, 1996; PERREIRA, 2007 e 2016; TAFFAREL, 2007 e 2015) não somente de Castellani

¹¹ É possível conferir tal afirmação na entrevista que concedeu a Juca Kfoury em seu programa Juca entrevista do canal de televisão ESPN Brasil. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=5CdwUpNqdg&t=8s> acesso realizado em 05/10/2024 às 09:41.

Filho, que há uma dupla determinação que incide sobre o CBCE após 1983, que perdurará por toda a década de 1980, e que Castellani Filho terá papel central, qual seja: a maioria de sócios do CBCE passa a ser de professores de EF e participantes ativos no CONBRACE; e o contexto sócio-político de luta pela redemocratização que se interioriza no CBCE e intensifica a sua politização.

Na década de 1980, é possível perceber que Castellani Filho tem sua atividade em três vetores, a saber, a de pesquisador que tem no CBCE e seu congresso um espaço de veiculação e divulgação de suas ideias, a de organizador que contribui para a condução dos trabalhos no CONBRACE e, de militante da EF que busca participar das transformações político-institucionais e científicas da entidade. Assim, nos anos de 1980, Castellani Filho participou ativamente e com nuances distintas – se comparado o seu protagonismo entre a gestão de Osmar de Oliveira e as de Laércio Elias Pereira e de Celi Taffarel – de três gestões do CBCE e teve uma contribuição fundamental para a democratização e para a mudança de rumo ideológico e político do CBCE.

Com a eleição de 1989, em Brasília, no VI CONBRACE, têm-se o ápice de um processo de politização da entidade, o que para alguns tinha um jaez partidário¹² – veja, por exemplo, como entende Vitor Matsudo (DAOLIO, 1997; DAMASCENO, 2013) – e para os diretamente envolvidos, como Castellani Filho e Valter Bracht, foi muito mais uma decorrência do contexto brasileiro e dos debates no seio da EF (CASTELLANI FILHO, 2007; ALMEIDA e GOMES, 2014).

A partir de 1991, com o fim da gestão de Celi Taffarel, Castellani Filho vai estabelecer uma relação com o CBCE, menos institucional e mais de intelectual e contribuinte na organização dos congressos e do CBCE. Não há elementos públicos na biobibliografia de Castellani Filho que autorize entender que tal encaminhamento deu-se por conta de um ranço ideológico e político gerado a partir de meados dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, que estabelecia um nexos causal entre a politização do CBCE, a “partidarização” e o “marxismo”¹³. O que nos parece razoável afirmar é que

¹² Nunca é demais notar que a ideia da “partidarização” é aparente e um argumento para não reconhecer a possibilidade de relação – não identificação – entre ciência e política. Castellani Filho em entrevista nos dá alguns nomes de quem compunha a chapa da Celi Taffarel e suas filiações e predileções partidárias: “Na chapa da Celi de 1989 a 1991, a direção foi incorretamente tachada de partidária; ela foi acusada de ter partidarizado a entidade, você vai encontrar isso muito fortemente naquele livro do Jocimar Daolio sobre os anos de 1980 (“Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980” – LGD) atores e tudo mais quando ele entrevista a mim, o Joãozinho (João Batista Freire – LGD), o Victor Matsudo. E você vai encontrar na fala, principalmente do Victor, essa compreensão da partidarização. Que foi equivocada, nunca ocorreu a partidarização porque eu e a Celi éramos o PT, mas nós tínhamos o Alfredo Gomes de Faria Junior que era do PSD, nós tínhamos o Aguinaldo Gonçalves que não era nem filiado a partido, mas tinha uma aproximação ao PMDB e depois com o PSDB. Quer dizer, em nenhum momento, seja na articulação da chapa, seja na direção da entidade, a lógica partidária se fez presente na tomada de decisões, isso nunca ocorreu. Houve sim uma politização, uma exacerbação da dimensão política daquela gestão, muito movida pelo momento histórico que vivíamos...” (CASTELLANI FILHO, 2012, p. 8-9).

¹³ Não é possível afirmar, a nosso ver, que exista o “marxismo”, por isso o uso de aspas. Há sim, em conformidade com Netto (2000, p. 52-53) uma tradição marxista muito polissêmica, multifacetada e polêmica. É possível afirmar que a referência marxista de Castellani Filho está muito marcada pelas lentes dos intelectuais da educação do campo progressista – nem todos marxistas – dos anos de 1970 e 1980. Se referindo à metade da década de 1980, diz o seguinte: “Naquele período tive a oportunidade de ter como professores, por conta do meu mestrado na PUC/SP, Paulo Freire, Luiz

na história do CBCE é possível perceber que a composição da chapa de Valter Bracht estava formada com pessoas que pudesse se orientar para os problemas da identidade e da legitimidade¹⁴ que estavam postos para a EF, e de forma mediada, para o CBCE. O que não inviabiliza a participação de Castellani Filho nos eventos do CBCE e nas discussões de tais problemas.

Para além dos elementos aludidos acima internos ao CBCE, Castellani Filho esteve ocupado com distintas atividades, o que levou suas intervenções para outros campos. Sabe-se que Castellani Filho, a partir dos anos de 1990, esteve envolvido com a produção do livro “Metodologia do ensino da educação física”, com seu doutorado, com atividade sindical na Associação dos Docentes da Unicamp (ADUNICAMP) e com atividades docentes na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), além de desenvolver uma extensa atividade de consultoria para diferentes administrações públicas de estados e municípios.

Assim, parece-nos, que Castellani Filho teve uma participação menos institucional e muito mais de um contribuinte da organização intelectual – como, por exemplo, na coordenação da reforma estatutária de 1990, que implicou na formação de um grupo de trabalho, bem como, na participação em mesas, simpósios e oficinas de todos os congressos dessa década. Castellani Filho permaneceu a postos, porém, não exercendo cargos e funções próprias da Direção Nacional (DN), assumindo-a em setembro de 1999, com a sombra do CBCE de fins dos anos de 1980, e todo seu halo político. Segundo Castellani Filho (2007a; 2012), foi necessário, logo à partida, deixar claro que a orientação política que seria empreendida por sua gestão estaria preocupada com os rumos das políticas educacionais e científicas brasileiras e partiria do acúmulo das gestões anteriores nos marcos da polissemia ideológico-política e epistemológica que constituía o CBCE. Assim se expressa:

Sabíamos que todos os olhares estavam voltados para nós. O receio de uns era a expectativa de outros... Já na primeira Assembléia (sic!) que dirigimos, ao final do XI Conbrace, mostramos consciência do papel institucional reservado ao CBCE e respeito à pluralidade de seu quadro associativo, não o confundindo com porta-voz de posicionamentos individuais de membros de sua DN ou de outras de suas instâncias organizativas. Assim, o estabelecimento de interlocução com a representação da área acadêmica na CAPES, no CNPq e na FAPESP, como também com o CONFEF, por exemplo, foi muitas vezes entendido como abertura de diálogo com as pessoas que ocupavam aquelas funções de representação, para muitos, não

Eduardo Vanderley, Dermeval Saviani, Mirian Jorge Warde, Maria Luíza dos Santos Ribeiro, Evaldo Vieira...” (CASTELLANI FILHO, 2009).

¹⁴ As gestões de Valter Bracht não deixam de ser politizadas, no entanto, mudam de ênfase, se voltando para os problemas típicos da EF brasileira que se debatiam no momento, buscando defender e assegurar um espaço de veiculação e debate – sob o lema da “divergência científica com vigilância democrática” – para avançar em relação ao passado, numa busca de superação com conservação. No entanto, a ideia-problema de que o CBCE se “partidarizava” sob um viés “marxista” a partir do segundo quinquênio dos anos de 1980, parece-nos ainda fecunda (necessita ser estudada), uma vez que os encaminhamentos dados pela vigência de Valter Bracht possibilitam os influxos “pós-modernos” que chega ao CBCE, bem como, sofre com as consequências da dissolução da URSS que atinge todo o mundo.

merecedoras de nossa atenção, ou mesmo com entidades das quais deveríamos manter distância... (CASTELLANI FILHO, 2007a, p. 127)¹⁵.

O CBCE, sob a vigência de Castellani Filho, vai concentrar-se nas questões da PG e da política científica – criação do GTT de PG, do Fórum de PG, debates sobre avaliação de programas, qualificação da RBCE, entre outros –, na necessidade de estabelecer um intercâmbio internacional com os países vizinhos, e de participar com mais influência nas questões relacionadas às políticas educacionais, esportivas e de lazer (DAMASCENO, 2013). Tais encaminhamentos não elidiram posições – especificamente nas gestões de Castellani Filho – claramente ideológicas e políticas, tais como os manifestos enviados ao Fórum Social Mundial, a participação na formulação das Diretrizes Curriculares para os cursos de EF e os questionamentos acerca das atividades do CONFEF.

Castellani Filho, de 2000 a 2010, desenvolve uma atividade variada que vai desde a sua presidência (1999-2003) até coordenação do GTT – Políticas Públicas e a participação em mesas, tanto como convidado a palestrar como a moderar. Ao exercer o cargo no Ministério do Esporte (ME), não se afasta do CBCE, e contribui¹⁶ para que se estabelecesse uma aproximação com o ME¹⁷, e independente de tal relação manteve sua atividade no CBCE, de uma forma compreensivelmente menos ativa.

É perceptível na segunda década do século XXI, uma atividade não muito comum da parte de Castellani Filho ao longo de sua relação com o CBCE: como autor de comunicação oral no XIX e XX CONBRACE. Se percorrermos o currículo lattes de Castellani Filho se vê tal atividade nos CONBRACEs II, III, VII e X. Para quem acumula um recorde de não ter participado somente do primeiro CONBRACE (CASTELLANI FILHO, 2012) é pouco. Todavia, é compreensível tendo em vista a quantidade de atividades que desenvolveu. Computamos com base em seu currículo lattes a participação em 404 eventos, sendo destes 40 (9,9%) organizados pelo CBCE e suas instâncias ou apoiado por ele. Este dado ilustrativo demonstra que além de Castellani Filho ter participado nesses

¹⁵ Siglas apresentadas na citação que ainda não foram utilizadas no texto: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Conselho Federal de Educação Física (CONFEF).

¹⁶ Um indicativo da contribuição de Castellani Filho e de sua importância para a Rede CEDES (Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer) é a homenagem que recebeu do ME em 2013.

¹⁷ Damasceno (2013) entende haver uma autonomia relativa na relação entre o CBCE e o Ministério do Esporte, visto que não havia uma subordinação. A aproximação está relacionada à criação da Rede CEDES constituída por dentro da Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer (SNDEL), de modo que a demanda criada foi orientada a determinados grupos de pesquisas que se faziam presentes no CBCE, seja através da produção teórica ou através de pesquisadores ligados de forma institucional em suas instâncias. Outras aproximações estão relacionadas com o apoio na realização do CONBRACE e com o apoio para publicações de números específicos da RBCE, além da participação do CBCE no Conselho Nacional do Esporte (CNE) do ME. Para que a assertiva de Damasceno (2013) seja corroborada ou refutada seria preciso que observássemos ao menos três aspectos (que não podemos tratar neste espaço): 1 - aprofundamento crítico nos dados das relações supramencionadas; 2 – Diferenciar a atividade do CBCE da atividade de seus associados na relação com o ME; e 3 – Observar produção teórica sobre tais relações institucionais.

mais de 45 anos de vida do CBCE, de quase um evento por ano, teve uma extensa e intensa atividade variada fora do CBCE.

Por conta da quantidade e qualidade das atividades desenvolvidas, Castellani Filho será algumas vezes homenageado – por diferentes motivos – na segunda década dos anos 2000, tendo sua dedicação ao CBCE e a EF brasileira reconhecida. Em 2003, recebeu uma homenagem aos Presidentes do CBCE por ocasião das comemorações do 25º aniversário de sua fundação. Em 2008, recebe uma homenagem no Painel Comemorativo no Aniversário de 30 anos do CBCE. Em 2011, recebe da Secretaria Estadual de São Paulo (CBCE) uma placa/homenagem aos 35 anos de serviços prestados à Educação Física/Ciências do Esporte. Por fim, em 2013, foi homenageado na ocasião do XVIII CONBRACE pelos serviços prestados à EF brasileira.

Embora, neste trecho nos dedicamos muito mais em expor uma relação institucional de Castellani Filho, marcada por suas atividades em diferentes presidências, por sua atividade como contribuinte da organização ideológica, política e intelectual dos congressos e da DN, por sua atividade como sócio que participa dos eventos, apresenta trabalho e interage com os demais sócios, são notáveis, a nosso ver, as três formas de se relacionar com o CBCE postas inicialmente. No caso de Castellani Filho se pode asseverar que, guardadas as devidas proporções e especificidades, sua atividade institucional nas diferentes funções que desempenhou, não se deu apartada de uma militância intelectual-acadêmica e de uma reflexão crítica, orientada por convicções ideológicas e políticas e por compreensões teóricas, que nem sempre estiveram em sintonia e compatibilidade de formulação. Tratarei desta última forma de se relacionar com o CBCE nas notas a seguir.

RELAÇÕES CRÍTICAS COM O CBCE

Neste item vamos apresentar algumas relações críticas – as mais importantes e que ainda na atualidade estão em vigência – de Castellani Filho com o CBCE. É possível percebê-las num momento em que se encontrava na contra-hegemonia, em que são formuladas em companhia de outras pessoas, e mais tardiamente, de forma individual. Esta última, não elide um compartilhamento de posições ideológicas, políticas e teóricas com outros intelectuais, no entanto, não está posta num movimento organizado de transformação progressista da entidade como outrora, e sim, no âmbito de uma reflexão crítica.

A atividade crítica de Castellani Filho com respeito ao CBCE é perceptível desde os primeiros contatos. Em 1980, na ocasião do CONBRACE – Região Norte/Nordeste em São Luís (MA), Castellani Filho participa da organização do evento que já apontava um viés sócio-crítico inexistente

na entidade, porém já dando sinais de vida em outros eventos, como nota em seu clássico livro (CASTELLANI FILHO, 2001). A atividade crítica expressa nesse evento avançará, na medida em que vão se somando forças entre diferentes professores que se associam ao CBCE e passam a frequentar seus espaços e debater os encaminhamentos. Castellani Filho, em entrevista concedida a Loureiro (1996), nota como em 1983, no III CONBRACE, além da ida de Manoel Sérgio que trouxe novos elementos para se debater no interior do evento e novas problemáticas para a EF, têm-se a possibilidade de reunir pessoas que estavam descontentes com a direção ideológica, política e científica da entidade, no que diz respeito a sua estrutura (presidência; vice-presidência; eleições) e sua orientação epistemológica (centrada numa concepção biológica de homem e biomédica de ciência), e que por isso, passaram a planejar mudanças progressistas consonantes com o tempo histórico-social em que se vivia.

A realização das críticas no início dos anos de 1980, passaram a desenvolver suas programações com a eleição de Laércio Elias Pereira e a formação das vice-presidências juntamente com a eleição da nova presidência de Celi Taffarel. As transformações estruturais e organizativas, tais como formação de secretarias estaduais, realização da eleição durante o CONBRACE em assembleia geral, mudança de vice-presidência para diretoria, entre outras, se deram mais imediatamente. As transformações epistemológicas são perceptíveis nos editoriais da RBCE e nas temáticas do CONBRACE, no entanto, pela característica de uma entidade científica que organiza, veicula e divulga as produções acadêmicas, o tempo de transformação e absorção é dependente das mutações e das configurações dos espaços que produzem a pesquisa. Como a PG brasileira em EF era incipiente – onde se localiza a maior quantidade da produção acadêmica – o tempo entre os sinais de mudança do CBCE e as respostas foram mais demorados. É também, importante ressaltar, que não se trata de uma relação de mão única, pois o CBCE dependia, mas também influenciava a produção acadêmica.

A culminância do que foi iniciado em 1983, se efetivará até o início dos anos de 1990, com o fim da gestão de Celi Taffarel. O CBCE se amplia e trás para si as problemáticas das secretarias estaduais que vão sendo formadas, cria formas de eleições compatíveis com os processos de democratização vividos pelo Brasil e altera sua forma de dirigir a entidade. No entanto, ao romper com as formas anteriores de organização e administração, afasta boa parte daqueles que viam no projeto originário a sua forma de ser. Esse processo tem seu auge na eleição de 1989, no VI CONBRACE (DAMASCENO, 2011; 2013).

Em resumo: Castellani Filho entende que houve uma “debandada” do grupo que orbitava Victor Matsudo, por não obterem sucesso na retomada da direção do CBCE, pois viam nela, em como se dava, uma ênfase na “partidarização” (cf. notas 10, 11 e 12). Para Castellani Filho não havia a

existência naquele momento de uma percepção de entidade acadêmica que pudesse se manter com suas diferenças ideológicas, políticas e científicas, seja do lado dos “vencedores” como do lado dos “perdedores” da peleja eleitoral. É evidente que cobrar tal compreensão naquele momento pode resultar num anacronismo de nossa parte, uma vez que o próprio contexto sócio-histórico alçava às últimas instâncias os debates sobre os projetos de sociedade, e o CBCE não estava imune (CASTELLANI FILHO, 2007a; 2012).

A saída do grupo que orbitava Victor Matsudo do CBCE causou dificuldades. Embora o CBCE passe a se fortalecer enquanto entidade e passe a carrear a produção teórica da EF formuladas nos marcos da Ciências Sociais e Humanidades, fica distante não somente dos grupos de pesquisa e pesquisadores que produziam conhecimento na perspectiva da aptidão física¹⁸ – como se convencionou nomear –, mas, também, das forças ideológicas e políticas hegemônicas no âmbito da política científica do período.

Castellani Filho afirma que na sua gestão – antes as gestões de Valter Bracht e Elenor Kunz também se moveram nesse sentido – passou a realizar um movimento que pudesse modificar esse quadro. Considera que a gestão de Valter Bracht esboçou movimentos que indicavam a tentativa de tratar dos problemas surgidos com a “debandada” do grupo de Victor Matsudo, no entanto, ao fazer uma análise crítica das gestões que vão de 1991 a 1999, vê um “... modelo eclético de sociedade científica, motivador de um ‘voltar-se para dentro’ através do chamamento à pluralidade...” (CASTELLANI FILHO, 2007a, p. 121). Castellani Filho nota que tal encaminhamento se deu por conta da ideia de “partidarização” que estigmatizou as gestões de Celi Taffarel, e por conta do referencial marxista. Não seria difícil superar – no sentido dialético, os problemas causados pela “debandada” sem uma ampliação das orientações ideológicas, políticas e científicas? Talvez, Castellani Filho ao usar o termo “eclético” tenha criado uma confusão na interpretação do que queria transmitir, uma vez que ele mesmo reconhece que uma “... entidade acadêmica para ser representante da nossa área precisa ter dentro dela, representantes deste mundo acadêmico, independentemente do campo científico que ele esteja inscrito ou filiado” (CASTELLANI FILHO, 2012, p. 8). Desse modo, tem mais sentido, em termos de entidade científica, pensar numa entidade plural do que numa entidade “eclética”.

Outra análise crítica e polêmica de Castellani Filho se refere aos GTTs. Castellani Filho reconhece a importância central dos GTTs, no entanto, tem apontado tendências que fogem do que

¹⁸ A perspectiva da aptidão física – no entendimento de Castellani Filho – embasava a política científica do período da ditadura civil-militar e constituiu o que ele chamou de movimento renovador conservador que passou a ser contestado pelo movimento renovador progressista (CASTELLANI FILHO, 2019). A eleição de 1989, para o CBCE, é o auge da contestação.

se havia perspectivado. É possível notar na carta-programa da chapa “Intervenção e conhecimento” a valorização dos GTTs, como um dos mecanismos que contribuíam para que o CBCE concretizasse seus objetivos de socializar a produção do conhecimento nascida em seu entorno social (CARTA-PROGRAMA... 1999). E adiante no documento, os trata como um dos âmbitos do CBCE a ser fortalecido. “... fortalecimento dos GTTs enquanto um coletivo que verticaliza e aprofunda os conhecimentos por conteúdos temáticos no interior do CBCE, subsidiando-o em suas ações científicas, políticas e sociais” (CARTA-PROGRAMA... 1999, p. ?). Com a presidência de Castellani Filho em exercício é possível notarmos a valorização dos GTTs, amarrada a ideia de subsidiar a qualificação da RBCE (FERREIRA NETO, 2000, p. 7). Os GTTs foram reformados ganhando um comitê científico formado por pesquisadores – no mínimo com a titulação de mestre – e coordenados por um dos seus membros com a titulação de doutor e, somado a isso, criou-se a coordenação nacional dos GTTs vinculada à Diretoria Científica (CASTELLANI FILHO, 2007a).

É perceptível que os GTTs, que foram criados para se desviar da organização disciplinar do conhecimento, vai adquirindo cada vez mais nervura na estrutura do CBCE. No entanto, Castellani Filho nota que com o passar do tempo os GTTs se tornaram um dos desafios para entidade enfrentar, ao passo que “... à medida que a distância que separa sua ação da intenção expressa conceitualmente, além de grande, aponta para o risco de sua ‘tribalização’” (CASTELLANI FILHO, 2007a, p. 123-124).

Bracht ao ser indagado por Damasceno (2011) sobre Castellani Filho ver uma tendência a “tribalização” dos GTTs, assim responde:

Discordo totalmente da afirmação de que os GTTs são os responsáveis por uma tribalização do CBCE. A organização dos GTTs foi/são uma tentativa de resolver alguns problemas, entre eles exatamente a – tribalização do CBCE e particularmente do CONBRACE. As tribos sempre existiram e constituíram-se pelas diferentes disciplinas científicas. Com o crescimento do CBCE ficou claro que as diferentes subdisciplinas ou subáreas não dialogavam. Uma tentativa de explicitar isso e encaminhar uma solução foi o CONBRACE realizado em Vitória em 1995 e que teve como tema a Interdisciplinaridade. Os GTTs não são disciplinares (embora o grupo da História tenha feito várias tentativas de criar o GTT de História) e sim temáticos. No GTT escola podemos encontrar estudos orientados pela história, pela sociologia, pela cineantropometria, pela fisiologia, etc. Ou seja, reunir grupos de interesse. Lembro que nos CONBRACES anteriores, os chamados temas-livres eram organizados também por temáticas. O que talvez seja necessário é dar outra dinâmica aos GTTs, no sentido de permitir a criação momentânea em torno de temas emergentes e também de um maior intercâmbio entre os GTTs. Outro problema que os GTTs procuraram atacar é o da identidade da área. Qual a identidade epistemológica da comunidade científica reunida no CBCE? (lembrar que algumas novas associações científicas foram fundadas também porque não havia como contemplar os interesses específicos de uma determinada comunidade de pesquisadores: eu sempre critiquei isso, mas era preciso viabilizar a discussão

específica sem cair na divisão disciplinar para garantir o debate em torno de questões mais amplas). Os GTTs poderiam então constituir-se em pequenas comunidades de diálogo e fazer, a partir do compartilhamento de uma problemática teórica própria, avançar o conhecimento. Como articular essas discussões específicas ou comunidades específicas com as temáticas mais gerais sempre se constituiu num grande problema no CBCE; em parte isso é resultado da dinâmica própria da produção do conhecimento. Há que se insistir em superar isso, mas...” (DAMASCENO, 2011, p. 325-326).

Ao observarmos as ponderações de Castellani Filho e a resposta de Valter Bracht, parece não haver discordância, tanto no reconhecimento das motivações que levaram a criação dos GTTs, como nos limites apresentados. Talvez o termo “tribalização” faça com que Valter Bracht o remeta a organização disciplinar que se buscava superar, o que diverge da compreensão de Castellani Filho, conforme orienta a sua crítica para o desenvolvimento dos GTTs e não para sua gênese¹⁹.

Castellani Filho reconhece a importância dos GTTs, aponta seus limites atuais e perspectiva problemas. Talvez os problemas mais candentes estejam relacionados aos possíveis subsídios que os GTTs possam oferecer ao CBCE em suas intervenções no âmbito dos embates das políticas científicas, educacionais, esportivas, de lazer e de saúde. O tempo da política e o tempo da ciência são muito distintos, o que já é em si um dificultador, somado ao produtivismo acadêmico e ao caráter voluntário da atividade nos GTTs, a dificuldade aumenta. Ainda há um elemento complicador que é a questão dos posicionamentos que a DN venha a ter em suas intervenções com base em subsídios dos GTTs. Como decidi-los? Como equalizar a relação entre a militância científica e a militância política?

A breve exposição da relação crítica de Castellani Filho com o CBCE, demonstra que esteve orientado a pensar os grandes problemas que esta entidade tem apresentado e que permanecem, se colocando com ênfases distintas conforme os contextos sócio-históricos e científicos vão se alterando, portanto, suas críticas, discutíveis, como procuramos apontar, denotam razoabilidade. Em resumo, Castellani Filho estabelece uma relação crítica com o CBCE, não como um *outsider* interessado na entidade como um objeto de estudo, e sim, como sujeito que dedicou e dedica boa parte de sua vida a ela, o que de certa forma, o pode colocá-lo no âmbito de uma autocrítica.

¹⁹ As análises dos dois intelectuais, de algum modo, produziram efeito nos últimos tempos no CBCE. Notamos nas programações dos últimos CONBRACEs, parcerias entre diferentes GTTs na construção de mesas em comum, bem como, é possível localizar no site do CBCE (<https://www.cbce.org.br/noticias/>) diferentes comunicados provenientes dos GTTs, subsidiando posicionamentos da entidade. Infelizmente, por conta do espaço, não podemos detalhar.

NOTAS FINAIS: uma possível autocrítica

Leandro Konder numa proposição muito original nota a necessidade da crítica e da autocrítica como movimento necessário para a vida em sociedade e para fundação de uma sociedade, de fato, humana (comunista). Em texto intitulado “O *curriculum mortis* e a reabilitação da autocrítica”, Konder (2009) nota como a sociedade capitalista e seu mundo do trabalho levou as pessoas a criarem peças literárias chamadas *curriculum vitae*. Nele, para se disputar uma vaga de emprego, torna-se necessário a pessoa expor uma vida heroica e estática, pois todos os eventos contraditórios, incluindo os fracassos e defeitos estão excluídos, o que leva a uma positividade enrijecida. Konder (2009) parte dessa compreensão para sublinhar que uma dimensão não pode ser tratada, qual seja, a da autocrítica, que é ladeada em função de uma atrofiação conservadora. Konder (2009) entende que a verdadeira autocrítica nos leva a uma contemplação negativa do *curriculum vitae*, em que “... depois de apregoar seus êxitos e seus méritos, a pessoa enfrenta o desafio de reconhecer suas frustrações, suas deficiências, seus fracassos, suas fraquezas. Talvez possamos chamar essa reconstituição dolorosa e necessária de *curriculum mortis*” (KONDER, 2009, p. 58). Konder entende que o marxismo tematizou pouco a questão da morte. Nota que na dialética hegeliana, especificamente, na “Fenomenologia do Espírito”, Hegel teve que tematizar a morte. Como é de conhecimento, Hegel trata a questão do movimento da consciência que parte da percepção sensível imediata rumo ao saber absoluto. Esta trajetória passa pela formação de diferentes figuras, sendo que a quarta é a autoconsciência e a quinta é a razão. Segundo Konder (2009) para passar da autoconsciência à razão é necessário pensar com profundidade a questão da morte.

Para Hegel, a autoconsciência é uma figura na qual a consciência analisa as coisas, vai completando seu campo de entendimento, mas tende inevitavelmente a se encerrar em si mesma, a excluir o *novo*, a deixar de fora o *negativo*; ela tende então a se encastelar numa positividade enrijecida. Na medida em que sente necessidade de avançar, a consciência precisa, por conseguinte, superar essa figura; precisa se desembaraçar da sua segurança artificial, vencer seu medo, encarar o *negativo*. E a forma universal do negativo é, precisamente, a morte. A conquista da razão, portanto, depende – segundo Hegel – da capacidade que a consciência venha adquirir de olhar a morte de frente, aproximar-se dela, permanecer junto dela, conviver com sua presença assustadora (em vez de contorná-la e fingir que ela não existe). Só assim a consciência consegue se enriquecer, assumindo seriamente seus limites, incorporando – dolorosamente – a dimensão do *negativo* à sua compreensão do mundo e de si mesma. “O Espírito” – lê-se na *Fenomenologia do Espírito* – “só conquista sua verdade quando é capaz de se encontrar a si mesmo na mais absoluta dilaceração” (KONDER, 2009, p. 60). Os itálicos e as aspas são do original.

Konder (2009) entende que essa lição de Hegel se perdeu nas lutas travadas pelos herdeiros da dialética hegeliana. A positividade enrijecida tomou conta e gerou – no embate com a “corrupção”

burguesa – uma concepção simplificadora e maniqueísta de revolução, o que fez triunfar o *curriculum vitae* em detrimento da genuína autocrítica.

Procuramos expor no texto as relações que Castellani Filho estabeleceu com o CBCE, que inicia com uma militância em maturação que vai sendo nutrida por elementos intelectuais, passa – sem prejuízo da militância – para uma atividade institucionalizada coerente com elementos críticos gestados quando estava numa posição de contra-hegemonia por dentro do CBCE e, que o leva, posteriormente, com certo distanciamento, a estabelecer análises críticas sobre a história do CBCE, que ele esteve organicamente ligado. Assim, neste último aspecto mais complexo, buscamos demonstrar momentos de uma possível autocrítica que não pode ser vista como uma autoanálise sobre si mesmo ou sobre si e a relação com a entidade, e sim, como um balanço de determinados momentos com peso na história do CBCE, em que foi partícipe, e que ainda permanece de alguma maneira em questão ao se pensar no futuro. Outrossim, não podemos ver o desenvolvimento da autocrítica como a defesa do certo ou do errado, do bem ou do mau, da verdade absoluta ou da falsidade, da identificação de Castellani Filho e o CBCE, mas, sim, como um movimento de enfrentamento das principais questões da vida social – no caso específico, do CBCE –, que se colocam em diferentes momentos históricos, com questões novas e reposições de problemas antigos não devidamente superados.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

ALMEIDA, Felipe. Q., GOMES, Ivan. M. Traçados analíticos e esforços de autointerpretação: uma entrevista com Valter Bracht. In: ALMEIDA, F. Q., GOMES, I. M. (Orgs.). **Valter Bracht e a educação física: um pensamento em movimento**. Vitória: EDUFES; Ijuí, RS: Unijuí, 2014.

ARAÚJO, Cláudio G. S. de. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: de alguns anos antes da fundação até os dias atuais. In: LARA, Larissa et al. (Orgs.). **Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE**. Ijuí : Ed. Unijuí, 2019.

CARAM, Eliane M. de. Considerações sobre o desenvolvimento da Educação Física no Ensino Superior. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Caetano do Sul, v.4, n.2, jan. 1983.

CARTA-PROGRAMA. **Chapa Intervenção e conhecimento**. XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Florianópolis: CBCE, Processo Eleitoral, set. 1999. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br>

CASTELLANI FILHO, Lino. A (des) caracterização profissional-filosófica da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Caetano do Sul, v.4, n.3, maio 1983.

CASTELLANI FILHO, Lino. Lazer e qualidade de vida. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Políticas públicas setoriais de lazer**: o papel das prefeituras. Campinas/SP: Autores Associados, 1996, p. 07-21.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. 7 ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

CASTELLANI FILHO, Lino. Gestão municipal e política de lazer. In: LINHALES, Meily. A.; YSAYAMA, Hélder. (Org.). **Sobre lazer e política**: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 119-135.

CASTELLANI FILHO, Lino. CBCE: partilhando de sua história. In: CARVALHO, Yara. M. & LINHALES, Meily. A. (Org.). **Política científica e produção do conhecimento em educação física**. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007a. p. 107-137.

CASTELLANI FILHO, Lino. Manuel Sérgio: professor e filósofo da motricidade humana. In: SOUSA, José. A. de (Org.). **Motrisofia**: homenagem a Manuel Sérgio. Lisboa: Ed. Inst. Piaget, 2007b, p. 149-155.

CASTELLANI FILHO, Lino. O projeto social esporte e lazer da cidade: da elaboração conceitual à sua implementação. In: CASTELLANI FILHO, Lino (Org.). **Gestão pública e política de lazer**: a formação de agentes sociais. Campinas/SP: Autores Associados, 2007c. p. 1-15.

CASTELLANI FILHO, Lino. Depoimento de Lino Castellani Filho. In: CASTELLANI FILHO, Lino., SOARES, Carmen. L., TAFFAREL, Celi. N. Z., VARJAL, Elisabeth, ESCOBAR, Micheli. O., BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino de educação física**. 2 ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2009.

CASTELLANI FILHO, Lino. Aos mestres com carinho. In: CASTELLANI FILHO, L. **Educação física, esporte e lazer**: reflexões nada aleatórias. Campinas/SP: Autores Associados, 2013a. p. 99-103.

CASTELLANI FILHO, Lino. Manuel Sérgio: uma lembrança que não esquece. In: CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física, esporte e lazer**: reflexões nada aleatórias. Campinas/SP: Autores Associados, 2013b. p. 103-113.

CASTELLANI FILHO, Lino. Megaeventos esportivos no Brasil: de expressão da política esportiva brasileira para a da concepção neodesenvolvimentista de planejamento urbano. **Motrivivência (UFS)**, v. 26, n. 42, p. 98-114, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2014v26n42p98> . Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2014v26n42p98> . Acesso em: 24 fev. 2025.

CASTELLANI FILHO, Lino. 40 anos de CBCE: de expressão do “Movimento de Renovação Conservadora” à síntese do “Movimento Renovador (Progressista)” da Educação Física/Ciências do Esporte. In: LARA, L. et al. (Orgs.). **Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE**. Ijuí : Ed. Unijuí, 2019.

COMUNICADO DOS EDITORES DA RBCE. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Caetano do Sul, v.4, n.2, jan. 1983.

COUTINHO, Carlos. Nelson. Os marxistas e a “questão democrática”. In: COUTINHO, Carlos. Nelson. **Marxismo e política**: dualidades de poderes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 1994. p. 71-89.

DAMASCENO, Luciano G. **30 anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**: educação física e a construção de uma hegemonia. 2011. 304f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

DAMASCENO, Luciano, G. **A educação física na formação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física brasileira**: autores e atores da década de 1980. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1997.

FERREIRA NETO, Amarílio. Editorial. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Autores Associados, Campinas, v. 22, n. 1, p. 7, set. 2000. Disponível em <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/749> . Acesso em 24 fev 2025.

GAMBOA, Silvio Sanchez. **Projetos de pesquisa, fundamentos lógicos**: a dialética entre perguntas e respostas. Chapecó: Argos, 2013.

IANNI, Octávio. **A ditadura do grande capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
KONDER, Leandro. O *currículum mortis* e a reabilitação da autocrítica. In: KONDER, Leandro. **O marxismo na batalha das ideias**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 53-61.

LOUREIRO, Robson. **Pedagogia histórico-crítica e Educação Física**: a relação teoria e prática. 1996. 284 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1996.

LUKÁCS, György. **Socialismo e democratização**: escritos políticos 1956-1971. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

PEREIRA, Laércio Elias: **depoimento** [mar. 2016]. Entrevistadora Christiane Garcia Macedo. Rio Grande do Sul: CEME–ESEF–UFRGS, 2016. Entrevista concedida ao Projeto Garimpando Memórias.

JUCA ENTREVISTA LINO CASTELLANI. **Juca Entrevista**. São Paulo: ESPN Brasil, 2008. Programa de TV.

LOPES, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. **História do Brasil**: uma interpretação. São Paulo: SENAC São Paulo, 2008.

NETTO, José Paulo. Notas sobre democracia e transição socialista. In: NETTO, José Paulo. **Democracia e transição socialista**: escritos de teoria política. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990. p. 69-105.

NETTO, José Paulo. Relendo a teoria marxista da história. In: SAVIANI, Dermeval.; LOMBARDI, José. C.; SANFELICE, José Luís. **História e história da educação**. 2 ed. Campinas/SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2000. p. 50-64.

PEREIRA, Laércio Elias. Tempos antigos do CBCE... In: CARVALHO, Yara. M.; LINHALES, Meily. A. (Org.). **Política científica e produção do conhecimento em educação física**. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. p. 13-16.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

TAFFAREL, Celi. N. Z.: **depoimento** [set. 2015]. Entrevistadora Christiane Garcia Macedo. Rio Grande do Sul: CEME-ESEFID-UFRGS, 2015. Entrevista concedida ao Projeto Garimpando Memórias.

TAFFAREL, Celi. N. Z. Política científica e produção do conhecimento na Educação Física/Ciências do Esporte: a conjuntura, as contradições e as possibilidades. In: CARVALHO, Yara. M.; LINHALES, Meily. A. (Org.). **Política científica e produção do conhecimento em educação física**. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. p. 17-71.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS – Não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Silvan Menezes dos Santos

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 07.10.2024

Aprovado em: 29.01.2025